

COMPREENSÕES DE LAZER/*OCIO* NA AMÉRICA LATINA: UMA ANÁLISE CONCEITUAL*

Recebido em: 13/03/2013

Aceito em: 30/10/2013

Christianne Luce Gomes¹

Grupo de Pesquisa Otium: Lazer, Brasil & América Latina
UFMG/CNPq/FAPEMIG

RESUMO: Análise das compreensões de lazer/*ocio* de professores, profissionais e estudantes vinculados a cinco programas de mestrado em Lazer/Tempo Livre/Recreação desenvolvidos no Brasil, Costa Rica, Equador e México. A metodologia desta pesquisa qualitativa contou com estudo bibliográfico e entrevistas com 25 voluntários. Os resultados evidenciaram que os entrevistados do México, majoritariamente, compreendem o *ocio* como uma experiência. Na Costa Rica, o *ocio* é tomado como sinônimo de *esparcimiento*, sendo este associado ao aspecto da atitude. No Equador os entendimentos foram variados e, no Brasil, o lazer foi compreendido como um fenômeno cultural, contrastando substancialmente com os demais países.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Educação de Pós-Graduação. América Latina.

LEISURE CONCEPTS IN LATIN AMERICA: A CONCEPTUAL ANALYSIS

ABSTRACT: Analysis of the concepts of leisure of lectures, professionals and students linked to five master degree's programs in Leisure/Recreation/Free Time developed in Brazil, Costa Rica, Ecuador and Mexico. The methodology of this qualitative research included literature research and interviews with 25 volunteers. The results showed that the respondents from Mexico conceptualized the leisure as a subjective experience. In Costa Rica, the concept of leisure is considered a synonym of the word *esparcimiento* (in Spanish), which is associated with the aspect of attitude. In Ecuador the concepts were varied. In Brazil, leisure was understood as a cultural phenomenon, in contrast to the other countries.

* Este texto integra a pesquisa “Formação de Recursos Humanos para área do Lazer na América Latina” (GOMES et al, 2012), que contou com o apoio do CNPq, Fapemig e Ministério do Esporte. Participaram da investigação os pesquisadores Rodrigo Elizalde (subcoordenador), Ana Carolina Ribeiro, Fernando Tabares, Gabriela Baranowski Pinto, Juliana Schirm Faria, Joyce Kimarce Pereira, Vania Noronha e Víctor Molina. Agradeço a esses pesquisadores pelas revisões efetuadas no tópico 6.1 do Relatório da pesquisa, de minha autoria, que possibilitou a elaboração deste artigo.

¹ Doutora em Educação pela UFMG, com Pós-doutorado em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade Nacional de Cuyo/Argentina. Professora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG; Bolsista DTI-A do CNPq e Pesquisadora da Fapemig/PPM.

KEYWORDS: Leisure Activities. Education, Graduate. Latin America.
--

Considerações iniciais

Este artigo é fruto de uma pesquisa mais abrangente (GOMES et al, 2012) e tem, como objetivo, apresentar e analisar as compreensões de lazer/*ocio* de professores, profissionais e estudantes vinculados a cinco programas de mestrado em Lazer/Tempo Livre/Recreação desenvolvidos em quatro países latino-americanos: Brasil, Costa Rica, Equador e México. O texto busca, também, identificar e discutir os fundamentos utilizados pelos entrevistados para embasar seus entendimentos.

É importante esclarecer que a palavra *lazer* não conta com um termo exatamente correlato em espanhol, como acontece com o inglês *leisure* e com o francês *loisir*, por exemplo. Embora o *ocio* seja um tema presente na produção bibliográfica de língua espanhola, no vocabulário corrente de diferentes países latino-americanos ele está carregado de conotações negativas. De acordo com Lema Álvarez e Machado Comba (2013), o legado anglo-saxão reforçou os conceitos de recreação e de tempo livre na América Latina, tratando o *ocio* como uma categoria negativa (como sinônimo de ociosidade), ou neutra (como não fazer nada). Assim, na região latino-americana, muitos estudos e empreendimentos sobre a temática acabam priorizando os conceitos de *recreación e tiempo libre* em detrimento de *ocio*.

Entretanto, recentemente o *ocio* passou a ser um conceito abordado de forma mais ampla em alguns contextos latino-americanos – em alguns casos, aproximando-se do sentido corrente de lazer. Por essa razão, neste artigo a palavra *ocio* em espanhol será entendida como equivalente ao termo lazer em português. Essa opção precisa ser explicitada para não intensificar ainda mais os equívocos conceituais já existentes, evitando Maus entendidos decorrentes do próprio processo de tradução. Isso acontece

porque, na América Latina de língua espanhola, é bastante comum que os termos *lazer/leisure/loisir* sejam automaticamente traduzidos e interpretados como *recreación*, o que inevitavelmente gera dificuldades de desenvolvimento teórico-conceitual para o campo de estudos. Esses aspectos foram salientados, por exemplo, por Gaelzer (1985), Elizalde (2010), Osorio (2009) e Suárez (2009), entre outros.

Cabe ressaltar que “conceito” não é aqui abordado como sinônimo de definição. A formação de conceitos é um processo que corresponde ao movimento do pensamento que envolve o emprego de palavras, a abstração de características e o exercício de simbolizações e sínteses (GOMES; ELIZALDE, 2012). Por isso, torna-se essencial compreender o seguinte:

- Os conceitos são representações da realidade material/imaterial.
- Os conceitos são como um mapa. Por isso, eles não podem ser assimilados como se fossem o território que representam.
- Os conceitos precisam ser contextualizados porque não são universais.
- Os conceitos são dinâmicos.
- Todo conceito está em um estado de inacabamento.
- Os conceitos não são neutros, tampouco totalmente objetivos.
- Um mesmo conceito pode gerar diversas interpretações.

Tais considerações evidenciam que um conceito expressa a forma como cada pessoa vê e nomeia os distintos fenômenos, constituindo, portanto uma representação da realidade. Além disso, é preciso salientar a impossibilidade da neutralidade e da objetividade, pois, o processo de sistematização de ideias envolve abstrações que são influenciadas por diversos elementos: visão de mundo, personalidade, história de vida, valores, princípios éticos e morais, projetos políticos de sociedade, etc. Em outras palavras, um conceito nunca será totalmente equivalente ao real que busca expressar (GOMES; ELIZALDE, 2012). Por isso, a palavra conceito será tomada, neste texto, como equivalente aos termos compreensão, concepção e/ou entendimento.

Feitas essas considerações preliminares, este artigo objetiva apresentar e analisar os conceitos de lazer/*ocio* enunciados por professores, profissionais e mestrados latino-americanos, procurando discutir os principais fundamentos e autores utilizados para embasar suas compreensões.

Delineamentos metodológicos da pesquisa

Os conhecimentos sistematizados neste artigo integraram uma investigação de abordagem qualitativa, tendo como base os aspectos metodológicos que foram propostos por Laville e Dionne (1999). Buscou-se desenvolver uma pesquisa bibliográfica por meio do estudo de livros e também de outras publicações relacionadas às temáticas centrais investigadas. Foram também realizadas entrevistas com 25 voluntários vinculados a cinco instituições que desenvolvem mestrado em Lazer/Tempo Livre/Recreação na América Latina e concederam anuência formal para participar do estudo, a saber:

(a) *Universidad Regional Miguel Hidalgo (URMH)*, México, que oferece desde 1997 a *Maestría en Recreación y Administración del Tiempo Libre*.

(b) *Universidad YMCA*, México, que criou em 2004 a *Maestría en Recreación* cuja proposta é articulada com dois cursos de Especialização.

(c) *Universidad de Costa Rica (UCR)*, com a *Maestría Profesional en Recreación*, que teve sua primeira turma em 2005.

(d) *Escuela Politécnica del Ejército (ESPE)*, Equador, que desde 2006 realiza a *Maestría en Recreación y Tiempo Libre*.

(e) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde o atual Mestrado em Estudos do Lazer teve sua primeira turma matriculada em 2007.

Em cada uma dessas propostas foram entrevistadas cinco pessoas: o coordenador, dois professores, um estudante e um egresso. Os entrevistados foram sugeridos pelos próprios coordenadores considerando sua potencial contribuição para enriquecer a pesquisa e as entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado (LAVILLE; DIONNE, 1999). Esta estratégia possibilitou, quando necessário, remodelar as perguntas e acrescentar outras à medida que as informações eram recebidas (TRIVIÑOS, 1987).

As entrevistas foram realizadas individualmente no período de fevereiro a abril de 2011 e, com a concordância formal dos entrevistados os depoimentos foram gravados e transcritos na íntegra, conforme a língua materna dos entrevistados (espanhol ou português). Ao todo, foram entrevistadas 13 mulheres e 12 homens. No que diz respeito ao perfil de formação do grupo, 13 das 25 pessoas são graduadas em Educação Física, evidenciando a predominância desta área. Os demais entrevistados possuem formação de nível superior em áreas distintas: Administração do tempo livre (3), Trabalho Social (2), Administração educativa (1), Arquitetura e urbanismo (1), Engenharia (1), História (1), Medicina (1), Publicidade (1) e Turismo (1).

Para preservar o anonimato de cada entrevistado/a foi adotada a seguinte estratégia: ao final dos trechos extraídos dos depoimentos foi utilizado um código nomeador para cada sujeito, iniciado pela letra E (que corresponde a entrevista), seguida do envolvimento daquela pessoa com o mestrado, expresso pelas opções C (coordenadores), P1 ou P2 (professores), E (estudantes) ou EG (egressos). Em seguida, foi indicado o país do mestrado ao qual se vincula na pesquisa, sendo B de Brasil, E de Equador, CR de Costa Rica, M1 de México/URMH e M2 de México/YMCA.

O estudo comparativo foi utilizado como modo de investigação, buscando identificar regularidades comuns e analisar semelhanças e diferenças no contexto de cada mestrado (BRUYNE, HERMAN E SCHOUTHEETE, 1977). As informações foram organizadas e analisadas por meio da construção iterativa que integra a estratégia de análise de conteúdo especificada por Laville e Dionne (1999). Dessa forma, a análise foi construída passo a passo – com reflexão e interpretação dos dados coletados durante todo o processo, como será tratado no próximo tópico deste artigo.

Compreensões de lazer/*ocio* dos entrevistados

Os conceitos de lazer/*ocio* enunciados pelos entrevistados serão analisados por mestrado e por país, a começar pelo mais antigo entre os cinco que foram estudados nesta pesquisa. Este encaminhamento permite visualizar as possíveis aproximações e distanciamentos que marcam cada um dos programas nos contextos investigados: no México, na Costa Rica, no Equador e no Brasil.

Um dos entrevistados vinculados à URMH evidencia que, como o *ocio* é malvisto no México, muitas vezes a alternativa encontrada é trabalhar com o conceito de tempo livre:

Hay una mala conceptualización del ocio, aquí en México sigue habiendo esa conceptualización del ocio [...] hay un dicho muy famoso “el ocio es la madre de todos los vicios” que al final está mal enfocado. Por lo que he leído se opta por la cuestión tiempo libre, y en lugar de decir ocio se maneja el concepto tiempo libre. Aunque podríamos diferenciar que ocio es la participación dentro de las prácticas que van a causar un bien. (E.P2. M1.).

Entretanto, foi possível observar que esse entendimento negativo de *ocio* – mencionado por autores mexicanos como Cervantes (2004) e Aguilar (2011), entre outros –, e também por entrevistados da pesquisa, não é unânime. Nesse âmbito, alguns entrevistados conceituaram o *ocio* como uma experiência subjetiva, ressaltando sua

importância. Foi também comentado que o *ocio* possibilita o desenvolvimento humano e pode ser vivenciado no trabalho, como se verifica nos relatos a seguir.

En el caso del ocio también me queda muy claro que tenemos que promover esas experiencias autotélicas, verdad, que le permitan al individuo ese crecimiento a nivel personal, ese desarrollo humano y que ellos aprendan que tienen que buscarla, que tienen que darse el tiempo para tenerlas y compartirlas. Porque eso los va a hacer más felices, más libres, más autónomos, más comprometidos consigo mismo y con la sociedad. (E.EG.M1.)

Ahora con la influencia del doctor Cuenca en la cuestión de Deusto y de marcar todo el enfoque de las dimensiones y del ocio autotélico, pues también estamos de acuerdo en la cuestión de la experiencia. Pero también cuando ellos hablan de los servicios, hablan de la actividad, entonces es como quién dice: lo entiendo, lo trato de explicar, pero nosotros podemos asumir esa lección de distinguir el ocio como esa experiencia [...]. (E.C.M1.)

El ocio, hablando como ocio siempre va ser positivo, no la ociosidad. Aunque otros autores dicen que el ocio puede ser nocivo. Pero yo como persona pienso que el ocio, debe ser, es positivo. [...] Si no hay tiempo libre no puede haber ocio. Y el ocio se desarrolla a través de la recreación y la recreación en el ocio. (E.E.M1.)

Yo diría que el ocio amplía un poco la cuestión, el ocio como lo estamos viendo no necesariamente tiene que ser una experiencia de tiempo libre, sino también puede darse en tu trabajo. [...] Ahora, la experiencia en el ocio yo la veo mucho más amplia en el sentido de que no está limitada por el tiempo, no hay una limitación temporal. Tampoco necesariamente tiene que ser positiva. Hay muchas experiencias de ocio muy negativas [...]. Y el ocio puede incluir a las mismas prácticas de recreación y muchas más que no están únicamente incluidas en la recreación y que, en esas, puede haber algunas que rebasen el propio ámbito del tiempo libre y que sea la recreación y que también rebase de lo mismo positivo o negativo, que decimos que ese es un cliché terrible. Pero así lo usan, como la utilización positiva del tiempo libre. (E.P1. M1.)

Nos comentários desses entrevistados é possível identificar a concepção de *ocio* como experiência autotélica que pode ser positiva, ou não. Também foi destacado, em alguns depoimentos, que o *ocio* permite o crescimento pessoal do indivíduo e o desenvolvimento humano, podendo expressar-se por meio da recreação, mas, sendo mais amplo do que esta e também de tempo livre.

Esses entendimentos deixam transparecer a influência de alguns autores, especialmente de Cuenca (2000). Partindo de uma compreensão subjetiva do *ocio* – por ele adjetivado de humanista – o autor explica o que significa seu conceito de *ocio autotélico*:

[...] el ocio autotélico es el verdadero ocio, en cuanto es una experiencia humana desinteresada, cuyo fin está en ella misma. [...] Durante el ocio, la persona tiene la oportunidad de vivir más su tiempo psicológico. Al dejarse llevar por su interior, se pueden ejercitar opciones, elecciones y decisiones más libres y mantenerse según la naturaleza y necesidades de cada uno. También se tiene la libertad de elegir formas significativas de la experiencia humana que, en ese momento, sean compatibles con los sentimientos y necesidades interiores. (CUENCA, 2000, p.84-85).

Mesmo que os postulados do autor possam ser incorporados pelos entrevistados da URMH, algumas ideias arraigadas no contexto mexicano e que também se fazem presentes em seus depoimentos acabam colidindo com o conceito de *ocio* autotélico. Por exemplo, a compreensão de *ocio* como experiência humana desinteressada, cujo fim está nela mesma, se contradiz com a perspectiva de serviços e também de atividade, como enfatizado anteriormente por E.C. M1. Essa perspectiva está na base do conceito de recreação tradicionalmente difundido no México e é decorrente da influência norte-americana, como evidenciam os trabalhos de Aguilar (2011) e de Olivares e Paz (2011), por exemplo.

Outro aspecto a ser salientado é a vinculação estabelecida entre *ocio* e *recreación* nos depoimentos de E.E. M1. e E.P1. M1. que, em alguns pontos, se distanciam do conceito de *ocio autotélico*. Como Cuenca (2000, p.63) esclarece, o termo *recreación* é por ele utilizado com “*un sentido más profundo que el de ‘diversión, alegría o deleite’*. Siguiendo la definición de la Real Academia, su significado es ‘*acción y efecto de recrear*’, entendiendo por recrear la acción de ‘*crear o producir algo nuevo*’.” Ou seja, esta visão é diferente da forma como a recreação, em geral, vem sendo entendida no México: como uma atividade ou como um serviço a ser prestado (AGUILAR, 2011; OLIVARES; PAZ, 2011).

Os depoimentos dos entrevistados dessa instituição evidenciam, ainda, uma compreensão de *ocio* como experiência pessoal subjetiva. Neste caso, há uma aproximação com o pensamento de Cuenca (2000). Segundo este autor, mesmo que o

ocio seja “enquadrado” em um contexto social, ele é um ato essencialmente subjetivo e pessoal. Sendo o *ocio* um âmbito de realização de atividades subjetivas, “*los esquemas de comportamiento que se lleven a cabo en sus diversas manifestaciones y actividades tienen un aspecto común delimitado por la voluntariedad y la satisfacción personal que proporciona.*” (p.29)

Estes fundamentos instigam duas reflexões. A primeira delas é que muitas vezes a subjetividade é negligenciada nos estudos sobre o lazer. Como isso restringe as discussões sobre a temática, é importante aprofundar os aspectos subjetivos presentes no lazer. Entretanto, outra importante reflexão precisa ser feita. Mesmo que seja afirmada a importância de considerar o sujeito em seu meio social, frequentemente os aspectos subjetivos são tratados como se fossem pessoais e intrínsecos a cada indivíduo, de modo que essas particularidades definem as escolhas, as preferências, as emoções e as sensações gostosas/prazerosas experimentadas por cada pessoa no lazer/*ocio*. Vistos por este ângulo, as categorias sujeito e subjetividade podem reforçar a crença da neutralidade dos indivíduos, que são desvinculados dos contextos culturais, sociais, históricos, (geo) políticos, econômicos, pedagógicos, familiares, étnico-raciais, etários, religiosos, éticos e estéticos, entre outros, que constituem os aspectos subjetivos.

González-Rey (2007) argumenta que a subjetividade não é um sistema determinista intrapsíquico situado apenas na mente individual: ela expressa a qualidade de um tipo de produção humana que permite penetrar em dimensões ocultas do social e da cultura, que só se tornam visíveis na sua dimensão subjetiva. Assim, a subjetividade diz respeito a um nível de produção psíquica que é inseparável dos contextos sociais e culturais em que a ação humana acontece. É, pois, uma produção humana multidimensional e não uma simples internalização.

Para o autor, essa produção humana não é um resultado linear. Participam dessa produção as consequências das ações – que podem ter referentes não visíveis por meio das práticas atuais –, e também “as configurações subjetivas que fazem parte da ação do sujeito, ou seja, aquelas que são fonte da produção subjetiva associada a essa ação.” (GONZÁLES-REY, 2007, p.173).

Nessa perspectiva, é importante que a dimensão histórico-cultural da subjetividade seja aprofundada nos estudos sobre a temática do lazer/*ocio*. Principalmente para que o sujeito não seja tratado como uma *tabula rasa* e para que o lazer/*ocio* não seja reduzido a uma experiência pessoal/subjetiva descontextualizada e desvinculada da realidade.

A compreensão subjetiva de *ocio* também foi recorrente nos depoimentos dos entrevistados mexicanos vinculados à Universidade YMCA. Curiosamente, um entrevistado disse que, apesar da visão de *ocio* ainda ser muito negativa no México, agora já se fala sobre o tema no contexto formativo com mais abertura, com mais tranquilidade e com menos preconceito. Isso propiciou uma mudança de cultura quanto ao trato da questão na universidade:

[...] antes hablábamos solo de tiempo libre o de recreación y el ocio no lo tocábamos. Pero ahora, como una bandera de todos los maestros, tanto de la licenciatura y de la maestría, es hablar de ocio, ya sin tapujos, porque o si no, nunca vamos a modificar en la gente ese concepto erróneo que tienen del ocio. (E.C. M2.)

Superados os tabus e vencidas as resistências, alguns entrevistados dessa universidade mexicana explicaram por meio de quais fundamentos passaram a conceituar o *ocio*:

[El ocio] tiene un carácter personal y subjetivo, en el sentido de que es una experiencia que es significativa y que es inherente a mi propia percepción y a mi propia decisión. (E.E.M2.)

Al ocio, lo veo como una experiencia. Es una estructura atemporal. Me va muy bien el sentido de Parker de ocio en el trabajo, dar clases, dar una

conferencia, conversar ahora contigo, hacer lo que me gusta, lo que me da sentido, lo que me hace fluir es ocio en el trabajo, no trabajo. Tengo ocio en el trabajo. [...] Ocio es una experiencia, ocio es una forma de ser mejor, ocio es una forma de disfrutar, ocio es una forma de placer, me da placer, me tiene que generar placer, tiene que tener sentido, tiene que tener fuerza. Si no es vil entretenimiento y si no, no tiene sentido. (E.P2.M2.)

Pues, esta parte del ocio como experiencia, como una cuestión subjetiva, de elección libre, placentera. Entonces estamos hablando del ocio como una experiencia personal, que nos lleva obviamente a ese desarrollo humano. (E.C. M2.).

Os relatos anteriores evidenciam que o *ocio* também foi conceituado como experiência pessoal e subjetiva que proporciona prazer e desfrute, colaborando com o desenvolvimento humano. Entre outros aspectos, também foi indicada a possibilidade de vivenciá-lo no trabalho, revelando uma ênfase no aspecto da atitude para conceituar o *ocio*.

Entretanto, dois entrevistados explicitaram seus entendimentos de *ocio* no sentido de ocupação do chamado tempo livre, o que segundo Cervantes (2004) é uma linha de interpretação bastante comum no México e em vários outros países ocidentais:

[...] ocio es todo eso que estoy haciendo yo en mi tiempo libre como lo voy a enfocar a cosas positivas. Eso es como lo veo, y es, te digo me cuesta trabajo casarme con teorías, porque mi experiencia es otra. (E.EG.M2.).

[...] ese espacio o esos tiempos que me sobran, que es el tiempo libre, el cómo lo voy a ocupar que vendría siendo el ocio, pero no en el concepto de la ociosidad como lo estábamos manejando. Como hacer uso, una mejor forma de hacer uso de este tiempo. (E.P1. M2.).

Outro aspecto presente em várias entrevistas realizadas no México foi a preocupação com o sentido construtivo/positivo do *ocio*. Para Cuenca (2000), o *ocio* pode seguir dois caminhos distintos: o positivo ou o negativo. Este binômio é bastante comum na produção bibliográfica sobre a temática do lazer/*ocio* e recreação/*recreación*. Desse modo, afirma-se a existência de dois âmbitos opostos – o que, inevitavelmente, acaba reforçando uma interpretação dicotômica.

Não se pode negligenciar o fato de que qualquer classificação polarizada envolve julgamento de valores e estes, frequentemente, variam de acordo com o contexto social, moral e cultural. O que pode ser avaliado como positivo por algumas pessoas ou em alguns contextos pode representar algo extremamente nocivo para outros, havendo também uma relatividade a ser levada em consideração. Quando se pensa nos vícios e na criminalidade, por exemplo, os aspectos nocivos para as pessoas e para a sociedade podem ser facilmente identificados. Mas, em muitas práticas, eles podem estar dissimulados e não se mostrarem como tal.

Para ilustrar essa reflexão, basta pensar na perspectiva de progresso baseada no desenvolvimento industrial-urbano – que, em geral, é visto como algo positivo. No entanto, a suposta positividade contida nesse modelo baseado no crescimento econômico e na globalização neoliberal vem agravando os níveis de exclusão social (SANTOS, 2002) e, em muitos casos, difundindo práticas de lazer consumistas e alienantes.

Ademais, não se pode negligenciar que muitos interesses econômicos estão em jogo nas sociedades capitalistas e são eles que impulsionam o comércio de drogas legalizadas como o álcool, o tabaco, muitos medicamentos utilizados para emagrecer, relaxar, dormir e superar a depressão, por exemplo. São também nocivos para as pessoas, para as coletividades e para o planeta o estresse, o desemprego, a pobreza material, a fome, o analfabetismo, o preconceito, a exclusão, o consumismo, a produção de lixo em excesso, a degradação humana, social e ambiental, entre outros problemas.

Porque, então, práticas degradantes como essas são naturalizadas, toleradas e até mesmo incentivadas? Considerando a temática central deste texto, será que as práticas recreativas e de lazer devem ser desenvolvidas tão somente para que as pessoas possam

esquecer os problemas, evadir da realidade ou fugir de uma rotina desumanizante por princípio? Afinal, o que é positivo e o que é negativo? Quem determina isso?

Segundo Rojek (2011), é no chamado tempo livre que as pessoas, ao se sentirem libertadas de aspectos restritivos da vida cotidiana – no trabalho, na educação e na família, por exemplo –, gozam de maior autonomia e flexibilidade para agir conforme seus desejos. Por isso, muitas vezes se envolvem com práticas de lazer consideradas negativas porque estão relacionadas com a transgressão de regras e de convenções sociais. Assim, “alguns usam a heroína para evitar o estresse e o estado degradante de desemprego; outros se tornam viciados através da pressão do grupo de pares; outros usam a droga para lidar com a pressão da família.” (ROJEK, 2011, p.141).

Temas como esses são polêmicos e geram contradições e debates, mas, não se pode adotar uma postura simplista para tratar da questão, o que demanda compreensões mais densas por parte dos envolvidos. Dessa forma, as reflexões aqui anunciadas não pretendem esgotar o debate, tampouco fazer uma apologia de práticas consideradas prejudiciais para a pessoa ou para a sociedade. O que se almeja é evidenciar que a questão é mais complexa do que se pode supor e, por isso, requer uma análise de suas causas mais profundas. Certamente, isso escapa ao binômio *ocio* positivo/*ocio* negativo, uma visão que precisa ser problematizada, pois, ela pode estar invisibilizando interesses ocultos, silenciando experiências e relações de poder que permeiam esses dois polos.

Ademais, toda polaridade evidencia uma dicotomia que, segundo Santos (2002, p.242) combina simetria com hierarquia. Com isso, “a simetria entre as partes é sempre uma relação horizontal que oculta uma relação vertical”. O autor propõe pensar os termos das polaridades fora das articulações e relações de poder que unem cada parte como um passo inicial para liberá-las dessas relações e para revelar alternativas que

ficam ofuscadas e negligenciadas pelas dicotomias hegemônicas. Isso também é válido quando se considera as dicotomias trabalho/lazer, trabalho/recreação e tempo de trabalho/tempo livre, pois, elas estão presentes nas compreensões de vários entrevistados na pesquisa, o que também precisa ser problematizado.

Como será tratado mais adiante, o binômio positivo/negativo foi amplamente enfatizado nos discursos dos entrevistados de Costa Rica, especialmente quando se trata da recreação, pois, *ocio* não é um conceito muito difundido no contexto deste mestrado. Durante as entrevistas algumas pessoas explicaram a opção pelo uso de *esparcimiento* como sinônimo de *ocio*, que significa um sentimento de satisfação ou de bem-estar propiciado pela realização de atividades recreativas.

[...] la palabra ocio usualmente nosotros no la usamos aquí, porque en la mente de la gente en América Latina tiene un significado negativo, es de vagabundería. Entonces como que hablar que la maestría, una maestría, una carrera universitaria con fondos públicos que promueve la vagabundería no es bien visto. Entonces hemos evitado el uso de esa palabra. Si entendemos que en España es muy usada con un significado positivo. Entonces lo que usamos es la palabra *esparcimiento* que es usualmente el sinónimo, pero en la mente de las personas tiene un significado positivo. (E.P1.CR.).

El ocio nosotros aquí lo manejamos un poco distinto, no manejamos mucho el ocio sino más bien del *esparcimiento*. Porque el ocio en Latinoamérica es una comprensión más de como holgazanería. Entonces nosotros usamos más el *esparcimiento* en un sentimiento de bienestar. [...] El ocio siempre ha costado un poco definirlo. [...] Es como un sentimiento... de satisfacción. (E.C.CR.).

[...] en la maestría se estimula mucho el uso de la palabra *esparcimiento* como sinónimo de ocio, pero se le trata de dar un concepto para que las personas cuando se les hable de *esparcimiento* no haya como ese choque con la palabra ocio. Porque tal vez precisamente ya están como estereotipadas en que ocio es vagabundería. Entonces la palabra ocio la usamos como sinónimo de *esparcimiento*, que viene a ser lo mismo. Viene a ser ese sentimiento, esa gratificación, ese gusto que usted siente cuando realiza una actividad recreativa. (E.EG. CR.).

Salazar-Salas (2007) foi bastante citada nas entrevistas como uma das principais referências utilizadas para fundamentar os conceitos de *recreación* e de *esparcimiento* difundidos no mestrado da Costa Rica, por isso algumas ideias dessa autora serão aqui retomadas. Os conhecimentos produzidos pela autora são baseados, sobretudo, em

teorias formuladas por autores norte-americanos, principalmente dos Estados Unidos. Isso revela a influência desse país nos estudos e práticas recreativas realizadas na Costa Rica. Tal afirmação também é válida para o México, pois, quando se trata de fundamentar a recreação, o estadunidense Richard Kraus foi o autor mais referenciado pelos entrevistados vinculados aos dois mestrados mexicanos.

Retomando o contexto da Costa Rica, Salazar-Salas (2007) explica que *esparcimiento* é a sensação ou disposição que permite e promove que uma pessoa realize atividades recreativas durante o tempo livre, caracterizando-se pela percepção de liberdade e pela auto-realização experimentada. Segundo a autora, algumas pessoas no campo da recreação estão empregando a palavra *esparcimiento* ao invés de *ocio* porque o significado da primeira é mais positivo. Fazendo correlações entre os termos *leisure/ocio/esparcimiento*, ela complementa:

En Estados Unidos y Canadá, no hay consenso acerca del significado de “leisure”. Es por ello que las personas autoras la usan, principalmente, con tres acepciones: (a) recreación o actividades recreativas, (b) tiempo libre y (c) actitud, disposición mental o perspectiva filosófica. [...] A raíz de la falta de unificación del vocablo [leisure] en el idioma inglés y de que el concepto de la palabra “ocio” en español es negativo en la mente de algunas personas, en este libro se usará la palabra “esparcimiento” para identificar la acepción de “leisure” como actitud, disposición mental, sentimientos, valores o perspectiva filosófica con respecto a la recreación. (Salazar-Salas, 2007, p.7).

Essa compreensão de *esparcimiento* como uma palavra que substitui o termo *ocio* está presente no depoimento dos entrevistados da UCR anteriormente citados, expressando a noção de sentimentos ou valores. Contudo, foi possível identificar entre um dos entrevistados de Costa Rica uma compreensão um pouco distinta, que não assimila o *ocio* como algo pejorativo, tampouco o vincula a *esparcimiento*. Para este entrevistado, *ocio* está associado com o bom aproveitamento do tempo livre pela recreação:

Si considero al ocio como la parte del tiempo libre que es bien aprovechada, entonces tendré que decir que el ocio es el espacio para la recreación. Como

el proceso que se desarrolla en ese tiempo de ocio. Pero el ocio sería un espacio temporal. [...] Existe la connotación de que el ocio más bien es un espacio de tiempo desaprovechado, y eso mucha gente lo maneja así. Que el tiempo de ocio es un espacio para no hacer nada simplemente. Bueno, yo no creo que sea eso, creo que es un espacio entonces de tiempo bien aprovechado haciendo recreación. (E.P2.CR.).

Sobre essa abordagem, Salazar-Salas (2007, p.8) afirma que *“toda recreación es diversión positiva, pero no toda diversión –la negativa– es recreación.”* A autora considera que a diversão inclui atividades que implicam gozo e entretenimento, mas, nem sempre elas são positivas. Explica que, por um lado, há a diversão positiva, cujas consequências são sempre positivas. Mas, por outro lado, está a diversão negativa que causa danos a alguém: seja à pessoa executante, aos seus acompanhantes ou àqueles que presenciam ou participam de uma atividade.

Baseada em vários autores (Kraus, Curtis, Russel, Godbey e McMillen, entre outros), Salazar-Salas (2007) entende que mesmo que as atividades de diversão negativa proporcionem prazer para algumas pessoas, são prejudiciais para a sociedade, de modo que são proibidas por lei, pelos costumes ou pelas crenças. A autora cita, como exemplos atuais de diversão negativa, o consumo de drogas, o alcoolismo, as apostas, as guerras de gangues, o abuso do sexo, a violência, as ações sangrentas, os atos destrutivos e o vandalismo. Com isso, para ela a recreação se diferencia da diversão negativa principalmente por que esta última não contribui com o desenvolvimento integral das pessoas:

Es importante que en todo momento se enfatice la diferencia entre recreación y diversión negativa, pues si no se especifica que las consecuencias de las actividades determinan si son recreación o diversión negativa, las personas podrían pensar que ciertas actividades de diversión negativa son recreativas, pues todas son realizadas durante el tiempo libre. (Salazar-Salas, 2007, p.12).

Como já foi mencionado neste artigo, o binômio positivo/negativo é uma questão complexa e, exatamente por isso, requer uma análise das causas mais profundas que estão por trás de cada comportamento e de cada prática social. Afinal, essa

dicotomia pode estar silenciando experiências, invisibilizando interesses ocultos e negligenciando as relações de poder que permeiam esses dois polos.

A visão de *ocio* como um tempo bem aproveitado por atividades recreativas também foi constatada no depoimento de alguns entrevistados do Equador. Cabe esclarecer que este mestrado conta, em seu corpo docente, com a participação de professores estrangeiros, principalmente de nacionalidade mexicana. Um dos professores vinculados a esse mestrado teceu considerações sobre o *ocio* articulando-o ao binômio positivo/negativo, de modo similar ao que ocorreu em muitos depoimentos do México e da Costa Rica. De acordo com a visão deste professor:

El ocio tiene dos connotaciones, que antes Neulinger llamaba el continuum del ocio: un ocio negativo y un ocio positivo. Cuenca le llama a esto la doble direccionalidad, el ocio positivo y el ocio negativo. Yo me quedo con Neulinger que lo dijo primero y para Neulinger, entonces, la parte positiva del ocio es la recreación. (E.P2. E.).

Esse mesmo entrevistado expressa sua compreensão de *ocio* valendo-se de três eixos específicos para conceituá-lo: atitude, tempo e atividades. Segundo seu ponto de vista, esses elementos constituem o conceito de *ocio* em quase todos os tempos.

[...] el ocio es de alguna manera una forma de integrar tanto la actitud del sujeto desde el punto de vista emotivo, como una porción de tiempo diferente a la del trabajo y un conjunto de manifestaciones culturales que no se hacen ni en la escuela necesariamente, ni en el trabajo, ni en las obligaciones sociales. Esos tres ejes constituyen en casi todos los tiempos el concepto de ocio. Entonces es actitud o emoción, que se desarrolla a través de unas actividades propias de un espacio de tiempo llamado tiempo libre. (E.P2. E.).

Foi possível perceber, nas demais entrevistas realizadas no Equador, que as visões dos respondentes são distintas. Não foi constatada uma congruência ou uniformidade, mesmo parcial, entre os pontos de vistas dos entrevistados – o que, em geral, ocorreu no contexto dos outros mestrados estudados na pesquisa.

Foi no Equador que alguns entrevistados afirmaram que *ocio*, *recreación* e *tiempo libre* não são totalmente distintos, o que também diferiu dos demais países.

Al menos desde mi punto de vista [el ocio] es más bien como uno se siente, esa satisfacción de hacer las actividades que uno las hace y tomarlas desde el lado de ese crecimiento de esa potencialidad de las capacidades humanas y poder dentro de, quizás, un espacio de tiempo que separándolo sería separado de la parte laboral. Pero tomando en cuenta también que dentro del ámbito laboral uno encuentra la satisfacción y está utilizando su tiempo, que lo siente que es satisfecho y a través de ese sentir que sería el ocio. Entonces realmente no podría decir que tengo un concepto cien por ciento, esto es recreación, esto es tiempo libre y esto es ocio. (E.C.E.)

Yo creo que todas las actividades tienen la finalidad de generar una mejor calidad de vida. [...] Si les veo que están diversificadas y que no es lo mismo, pero tienen la misma finalidad. Posiblemente las recreativas podamos subdividirlas en diferentes campos, igualmente las de ocio e igualmente las de tiempo libre. (E.P1.E.)

Para sacar conceptos yo difiero mucho porque hay bastante teórico e inclusive hemos discutido en clases porque unos se van con Cuenca otros con Dumazedier, y otros con otros teóricos. Pero yo pienso que ya en esta época que estamos ya como maestrantes podemos un poco expresar nuestra definición. [...] Ahora el ocio es cualquier actividad que uno la disfruta, sea en el tiempo libre o sea cuando está ocupado. Pero si usted la disfruta para mí eso es un ocio. (E.E.E.)

[El ocio] es un proceso de experiencia. [...] Está involucrado con el hecho del ser humano, de cubrir sus necesidades. Cubrir sus necesidades quiere decir que tengamos cubiertas las necesidades básicas, como salud, educación, vivienda, varias cosas. Y estoy consciente que el ocio [...] es no obligatoriedad. Porque cualquier cosa que hagamos por ocio tiene que ser escogida de una manera libre, voluntaria y donde lo que hagamos no tiene que estar tampoco en función de recibir un beneficio o algo, si no solo el simple hecho de sentir satisfacción personal. Ese es mi concepto ahora de ocio. (E.E.G.E.).

Os cinco entrevistados vinculados ao mestrado do Equador evidenciaram, portanto, distintas compreensões de *ocio*. Enquanto alguns o associam com uma satisfação subjetiva, outros o relacionam com o desenvolvimento de atividades, sendo ainda verificada a compreensão de *ocio* como uma atividade que uma pessoa desfruta ou, de modo inverso, como o desfrute proporcionado por uma atividade. Foi também destacado como uma experiência não obrigatória e livremente escolhida.

Tal diversidade revela uma multiplicidade de compreensões e de influências teóricas. Possivelmente, porque essas temáticas vêm sendo aprofundadas no Equador há menos tempo, como foi comentado em uma entrevista: “[...] *yo sé que en*

Latinoamérica hay países que ya lo están, por ejemplo Brasil es un país que ya tiene bastante conocimiento. Bueno, México también. Pero aquí en el Ecuador no.” (E.E.E.).

Como já mencionado, no Brasil a palavra lazer é amplamente utilizada pelos estudiosos da temática. Mesmo que as compreensões de lazer dos cinco entrevistados brasileiros contenham determinadas peculiaridades, a cultura foi um aspecto que perpassou de modo transversal, todos os entendimentos. Tal constatação contrasta bastante com as concepções predominantes nos demais mestrados que foram aqui estudados. Seguem alguns trechos dos depoimentos que evidenciam essa afirmação.

Eu gosto da ideia do lazer como fenômeno cultural mesmo, ou seja, que ele se expressa em cada cultura, de cada modo, mesmo que alguns elementos sejam fundamentais, como a pessoa ter o desejo da escolha, ela optar por aquilo ali. (E.P1. B.).

[...] alguns autores falam que [o lazer] é uma dimensão da cultura que tem uma relação com tempo e a atitude. É uma relação da cultura que tem algumas características, a própria característica da opção. [...] O conceito de lazer fragmentado quanto a tempo e espaço específico está caído por terra. [...] Eu acredito que o lazer inclua [...] tempo, atitude, espaço/lugar e manifestações culturais, eu acho que isso tem relação com a ideia do lazer. (E.C.B.).

Eu reconheço como conceito que é hoje o lazer como dimensão da cultura. Só que este é um conceito que ajuda e atrapalha, porque a gente também precisa entender o que é a noção de cultura [...]. Um conceito como dimensão da cultura é que se reconhece naquilo que você nomeia como práticas lúdicas, como dimensão lúdica da cultura. (E.P2. B.).

O lazer, eu entendo como um tempo e um espaço em que a pessoa pode vivenciar diversas manifestações da cultura, festas, jogos, brincadeiras, esportes e por aí vai, mas dentro de um tempo que não seja o do trabalho. (E.E.B.).

Eu entendo o lazer como uma esfera da vida humana relacionada com a esfera do trabalho, da família, da religião. Cada vez mais essa relação tem ficado imbricada, confundida [...]. O lazer eu penso como um direito social, muito ancorado na própria produção do grupo aqui [na UFMG], direito social e uma possibilidade de produção de cultura, pensando nesse contexto do direito social o lazer enquanto direito de todo ser humano e por uma série de fatores vem sendo negligenciado. (E.EG. B.).

Para embasar essas compreensões de lazer, os três autores mais referenciados pelos entrevistados brasileiros foram os Marcellino e Gomes (ambos citados em quatro das cinco entrevistas) e Dumazedier, que foi mencionado em dois depoimentos. Vale

ênfatizar que este autor francês foi citado não somente por voluntários do Brasil (2), mas também da Costa Rica (3), do Equador (1) e do México (3) – ou seja, Dumazedier foi o único autor referenciado em todas as propostas latino-americanas pesquisadas.

Como se percebe, Dumazedier continua sendo um autor de significativa influência na região latino-americana até os dias de hoje. Porém, segundo Uvinha (2007, p.48), “chama a atenção o desapego da utilização desse autor na literatura em língua inglesa mais contemporânea.” Mesmo reconhecendo a contribuição de Dumazedier para os estudos do lazer, após empreender análises de algumas publicações internacionais de referência, Uvinha (2007, p.49) sublinha que “suas obras não parecem ter a mesma ressonância na vasta produção em lazer na literatura internacional publicada em língua inglesa”.

Apesar das diferenças conceituais entre os autores brasileiros citados pelos entrevistados do Brasil, alguns conhecimentos por eles sistematizados estão presentes nos depoimentos apresentados anteriormente. De fato, no que se refere à questão conceitual, já foi constatada uma tendência entre os estudiosos brasileiros de compreender o lazer pela perspectiva da cultura (GOMES; PINTO, 2009). Reitera-se que isso não significa, no entanto, que ao tratar o lazer como uma dimensão da cultura (ou termos similares), todos os pesquisadores tenham as mesmas compreensões, podendo ser significativas as diferenças de abordagem conceitual do lazer no contexto do Brasil.

Os depoimentos de alguns entrevistados brasileiros também destacam a possibilidade de escolha pessoal/opção do lazer. Essa é uma das características propostas por Dumazedier para conceituar o lazer, o que mais uma vez revela a

influência desse autor nas compreensões de lazer enunciadas em entrevistas realizadas no Brasil e nos demais países que foram aqui estudados.

Como se sabe, Dumazedier definiu o lazer em oposição ao conjunto das necessidades e obrigações cotidianas, especialmente do trabalho. Essa interpretação pode ser questionada, pois, apesar de trabalho e lazer terem peculiaridades distintas, considera-se que ambos integram a mesma dinâmica social e constituem relações dialéticas e dialógicas. Ademais, é importante sublinhar que na vida cotidiana nem sempre existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações profissionais, familiares, sociais, políticas e religiosas. Não vivemos em uma sociedade composta por dimensões neutras, estanques e desconectadas umas das outras, como sugere o conceito de lazer proposto por Dumazedier (GOMES, 2011).

Nesse âmbito, enquanto dois entrevistados brasileiros criticaram a compreensão que coloca lazer e trabalho como pólos fragmentados e opostos (E.P1. B. e E.C.B.), uma pessoa o situa fora do tempo de trabalho (E.E.B.), revelando o peso que essa categoria adquire para se conceituar o lazer no Brasil.

O entendimento que situa lazer/trabalho como polos opostos, antagônicos e dissociados ainda é muito comum e também esteve presente nos depoimentos de entrevistados do México, da Costa Rica e do Equador. Porém, alguns deles chamaram a atenção para a importância de começar a repensar essa visão fragmentada e dicotômica, o que aqui é considerado como algo urgente e essencial.

Como destacou Santos (2002), não é admissível que qualquer das partes tenha vida própria para além da que lhe é conferida numa relação dicotômica e hierárquica, como se nenhuma das partes pudesse ser pensada fora da relação com a totalidade. Seguindo essa lógica, é como se o lazer não pudesse ser pensado fora de suas relações

com o trabalho ou com as obrigações – o que, do ponto de vista desta pesquisa, limita muito a compreensão do lazer/*ocio* em diferentes contextos.

Finalmente, mais um aspecto relacionado à compreensão de lazer dos entrevistados do Brasil pode ser salientado. O entrevistado E.E.G. B. ressaltou que o lazer é um direito social, conforme explicitado na Constituição Brasileira de 1988. Esse reconhecimento é amplamente enfatizado por autores de várias nacionalidades, estando também presente nas compreensões de *ocio* e/ou de *recreación* de entrevistados vinculados aos mestrados desenvolvidos na Costa Rica e no Equador, assim como no México.

Diversos países da região latino-americana reconhecem, constitucionalmente, o lazer/*ocio/recreación* como um direito social, tais como Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Guatemala, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana e Venezuela (RAMOS, 2012).

Entretanto, como salienta Telles (2006, p.71), “a existência formal de direitos não garante a existência de um espaço público e dessa sociabilidade política que a prática regida pela noção de direitos é capaz de criar.” Em outras palavras, pode-se dizer que a efetivação do direito ao lazer/*ocio/recreación* está diretamente relacionada com a existência de políticas públicas e sociais, assim como ações do conjunto da sociedade capazes de contemplar as diferentes necessidades de toda a população.

Esses aspectos se tornam relevantes principalmente em realidades cujas desigualdades sociais são alarmantes e expõem níveis extremos de iniquidades, como é comum em toda a América Latina.

Considerações finais

Vários e distintos foram os elementos empregados pelos entrevistados para conceituar lazer/*ocio* nos mestrados desenvolvidos no México, na Costa Rica, no Equador e no Brasil. Foram também diferentes os fundamentos e os autores utilizados para fundamentar as compreensões de lazer/*ocio* em cada país, mas, foi possível verificar aproximações conceituais internas em quatro dos cinco mestrados pesquisados.

Embora dois entrevistados mexicanos tenham configurado o *ocio* como ocupação do tempo livre, ele foi majoritariamente considerado como experiência subjetiva, entendimento que envolveu principalmente as contribuições de entrevistados do México, sendo também ressaltada a satisfação e desfrute que ele proporciona.

Seguindo a linha baseada na compreensão de *ocio* como uma atitude subjetiva, na Costa Rica ele foi explicitado como sinônimo de *esparcimiento*, constituindo um sentimento de bem-estar. Tal compreensão constitui uma característica específica da Costa Rica, onde foi amplamente enfatizado o binômio positivo/negativo.

Nas entrevistas do Brasil, por sua vez, o lazer foi enunciado como dimensão da cultura ou fenômeno cultural, expressando um entendimento que, nos últimos anos, tem sido recorrente nesse país. De forma não tão relevante o lazer foi tratado como um direito social e como uma esfera que possibilita olhar para o mundo buscando a sua compreensão, o que é visto neste texto como algo importante a se considerar neste campo.

No Equador foi constatada uma variedade de compreensões de *ocio*, sendo percebido um ecletismo do ponto de vista conceitual. Possivelmente, porque a temática vem sendo estudada neste país há menos tempo em comparação com os demais contextos pesquisados, como foi salientado em uma das entrevistas.

Foi possível constatar, ainda, a importância que alguns autores europeus e/ou norte-americanos adquirem no discurso da maioria dos entrevistados. Foram citados autores nacionais ou latino-americanos, mas, estes não chegaram a ter o peso de autores da Espanha, França e Estados Unidos. Além disso, frequentemente os autores latino-americanos que foram destacados nas entrevistas embasam suas ideias em produções teóricas de autores estrangeiros.

Certamente, espera-se que um coordenador, professor, estudante ou egresso de um curso de mestrado tenha conhecimento teórico-conceitual profundo das produções de um determinado campo. No entanto, quando esses conhecimentos são incorporados sem reflexão e sem um diálogo com as peculiaridades locais, pode colaborar com a perpetuação de um círculo vicioso que difunde conhecimentos como se eles fossem universais e válidos para qualquer contexto. Nessa perspectiva, as contribuições europeias ou norte-americanas podem ser válidas e proveitosas para os estudos dessas temáticas na América Latina, mas, é essencial compreender que alguns desenvolvimentos teórico-conceituais podem ser inadequados e insuficientes para a sistematização de saberes teórico-práticos que sejam capazes de dialogar criticamente com as realidades latino-americanas (GOMES; ELIZALDE, 2012).

Além disso, o fato de alguns entrevistados terem citado autores de seu próprio país pode indicar, por um lado, que a produção nacional vem sendo ampliada. Mas, por outro lado, pode significar desconhecimento, não identificação ou não apropriação de conhecimentos produzidos por autores da própria região latino-americana. Se forem acrescentadas as dificuldades de comunicação que permeiam as línguas faladas na América Latina, é preciso evitar a composição de dois blocos isolados: um deles abarcando os estudos produzidos no Brasil, onde o português é a língua oficial, e o

outro bloco composto por países vizinhos de língua espanhola, mas, que também podem ser passíveis de isolamento regional.

Por isso, ampliar os diálogos sobre o lazer e investir na integração latino-americana – especialmente no âmbito da cooperação universitária – representa um grande desafio a ser superado por estudiosos e profissionais do campo.

Considerando os resultados aqui apresentados, espera-se que este artigo seja visto como uma contribuição para os estudos sobre o lazer na América Latina. Espera-se, também, que as possíveis lacunas aqui encontradas representem um ponto de partida para novas problematizações e novos estudos sobre essa temática em distintos países latino-americanos.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Lupe. El desarrollo de la investigación sobre recreación, tiempo libre y ocio. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 26, n. 2, p. 193-207, jul/dez. 2011.

BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CERVANTES, José Luis. **El tiempo que te quede libre... dedícalo a la recreación**. México: Universidad Pedagógica Nacional, 2004.

CUENCA, Manuel. **Ocio humanista. Dimensiones y manifestaciones actuales del ocio**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2000.

ELIZALDE, Rodrigo. Resignificación del ocio: Aportes para un aprendizaje transformacional. **Revista Polis**, Santiago, v. 9, n. 25, p. 437-460, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.cl/pdf/polis/v9n25/art26.pdf> . Acesso em: 25 mar. 2012.

GÄELZER, Lenea. **Lazer, Recreação e Trabalho**. 2. ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: s.e., 1985.

GOMES, Christianne L. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, p.1-25, set.2011. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/sumario.html?ed=29> Acesso em: 27 mar. 2012.

_____; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer/ Horizontes latinoamericanos del ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GOMES, Christianne L. et al. **Formação de recursos humanos para a área do Lazer na América Latina: Análise dos Mestrados em Lazer/Recreación/Tiempo Libre do Brasil, Costa Rica, Equador e México**. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 2012. Disponível em: <http://grupootium.wordpress.com/home-2/pesquisas-concluidas/> Acesso em: 10 mar. 2013.

GOMES, Christianne; PINTO, Leila. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne; OSORIO, Esperanza; PINTO, Leila; ELIZALDE, Rodrigo (Org.). **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica**. 11. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 67-122.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 24, p. 155-179, 2007.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEMA, Ricardo; MACHADO, Luis Alberto. **La recreación y el juego como intervención educativa**. Montevideo: IUACJ, 2013.

OLIVARES, Marisela; PAZ, Elena. Recreação Comercial no México. In: FORTINI, J.L.M.; GOMES, C. L.; ELIZALDE, R. (Org.). **Desafios e perspectivas da educação para o lazer / Desafios y perspectivas de la educación para el ocio / Challenges and Prospects of Education for leisure**. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011. p. 47-56.

OSORIO, Esperanza. La recreación en Colombia: Um campo en construcción. In: GOMES, Christianne *et al.* (Org.). **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p.217-389.

RAMOS, Alicia M.O. **Os significados de ocio/recreación em Constituições de países latino-americanos de língua espanhola**. 2012. 163f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – UFMG, Belo Horizonte.

ROJEK, Chris. O lado Obscuro do Lazer: Formas Anormais. In: FORTINI, J.L.M.; GOMES, C.L.; ELIZALDE, R. (Org.). **Desafios e perspectivas da educação para o lazer / Desafios y perspectivas de la educación para el ocio / Challenges and Prospects of Education for leisure**. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011. p. 137-148.

SALAZAR-SALAS, Carmen Grace. **Recreación**. San José: Editorial UCR, 2007.

SANTOS, Boaventura S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 63, p. 237-80, Out. 2002.

SUÁREZ, Silvana. Una aproximación de la representación social de la recreación en Argentina: Aportes para resignificar el concepto. In: GOMES, Christianne *et al.* (Org.). **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 41-65.

TELLES, Vera. **Direitos Sociais**: Afinal, do que se trata? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UVINHA, Ricardo R. Turismo e lazer: Interesses turísticos. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

Endereço da Autora:

Christianne Luce Gomes
DEF/EEFFTO/UFMG
Av. Antonio Carlos 6627 – Campus UFMG, Pampulha.
Belo Horizonte – MG – 31270-901
Endereço Eletrônico: chris@ufmg.br